

TRANSCRIÇÃO DE TRECHOS DO LIVRO "VIAGEM FLUVIAL DO TIETE AO AMAZONAS pelas Províncias Brasileiras de São Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará" (1825-1829)-. extraídos do Diário manuscrito por Hércules Florence, cujo original encontra-se em poder de seu bisneto Arnaldo Machado Florence.

"Chegamos, afinal, a São Paulo (27-9-1825). Um viajante, irmão do Sr. Adriano Taunay, nosso companheiro, afirmou que os habitantes da cidade eram inimigos jurados do ângulo reto, consideradas as ruas e casas. Com efeito: nada há de mais verdadeiro; não se sabe por que o canto de certas casas constitui um ângulo de 30° ou 150° . A maior parte delas foge do ângulo reto; suas salas formam losangos. Vi salas com cinco cantos, para evitar ângulo em reentrância, demasiado exiguo. Já se erguem construções mais regulares. Outras, contudo, repetem o entranhado defeito do ângulo agudo ou obtuso.

Sempre com meus dois companheiros, segui para São Carlos (Campinas). A três léguas da cidade que deixávamos, dei com o monte Jaraguá, nome indígena que significa rei das montanhas, por tratar-se de ponto que é o pináculo da região. Por volta de 1520, ao pé dele descobriu-se a primeira mina de ouro do Brasil. Lançou Portugal, a partir desse fato, suas vistas para o País, até ali posto à margem. Navegava Pedro Álvares Cabral para as Índias Orientais, quando os ventos lhe desviaram a direção trazendo-o para o Brasil, que ele não tinha em mira, mas que descobriu em 1500, vasta região, que assim, por acaso, passou para a posse e domínio da coroa portuguesa. Ocupado com suas brilhantes conquistas na África, nenhuma atenção durante vinte anos deu ao Brasil, para onde vieram, nessa fase, tão só alguns aventureiros e deportados do pequeno país europeu. Logo, porém, que a corte de Lisboa teve ciência das minas de ouro do Jaraguá, cuidou de enviar Governadores ao Brasil, ocasião em que numerosos portugueses aqui vieram estabelecer-se.

As minas, todavia, não primavam pela abundância, o que não impediu os paulistas de, estimulados por esse primeiro descobrimento, afundar ousadamente pelos sertões e descobrir minas incomparavelmente mais ricas.

Vencida ainda mais uma légua, detivemo-nos junto ao riozinho Juqueri. Recolhemo-nos a miserável cabana, suja e, mesmo, repugnante. Precisávamos, porém, repousar e jantar, e a alternativa era aquela. O morador, um coitado, só nos pôde mostrar uma insignificante insignificância de pó de ouro, que tirara do rio, e isto com tanta dificuldade, que nem valia a pena.

Escassejavam de tal forma os recursos no trajeto, que, por todo o tempo que o pobre homem viveu, sua choça abrigou as mais importantes personalidades, como regentes, ministros, senadores e deputa-

dos. O velho Paulo era tão conhecido do povo, quanto dos ricos e dos homens de Estado.

Ao fim do jantar, Paulo serviu-nos canjica.

Exclusivamente paulista, esse alimento consiste em milho socado, mas apenas o necessário para retirar-lhe a casca. Fervem-se os grãos simplesmente em água, sem sal ou nenhuma outra coisa. De início, tal comida, desacompanhada de qualquer tempero, não me agradou, mas depois me pareceu excelente. E, até saudabilíssima. A fécula do milho engrossava a água.

Come-se a canjica assim mesmo, ou com leite, queijo ou açúcar, servida como sobremesa.

Se algum de meus leitores quisesse, por acaso, experimentar a canjica, penso que lhe seria difícil, pois não disporia de pilão grande, feito de um único bloco de madeira, indispensável entre os utensílios de cozinha dos paulistas. Convém saber, por acréscimo, que se deve ferver o milho durante seis horas pelo menos. Os paulistas conhecem dez ou doze maneiras de preparar e comer o milho, e bom seria que outros países as conhecessem.

A proporção que Jundiaí se avizinha, as matas se adensam e o terreno fica mais verdejante.

Por 22 dias (chegada a Jundiaí, às 9 horas da noite do dia 2 de outubro de 1825) permaneci nessa cidade, acolhido por família com quem era aparentado meus companheiros brasileiros, e ela tratou-se como se eu fosse da casa.

Meus bons hospedeiros levaram-me a assistir a uma prática roceira chamada mutirão: quando alguém, que tem poucos escravos ou nenhum, quer colher o milho ou outro qualquer produto da lavoura, convida os vizinhos a virem ajudá-lo. A casa enche-se de gente, os homens vão para a colheita e as mulheres correm, para apressar as refeições. O trabalho, em meio a um ar festivo, estende-se pelo dia inteiro e, chegada a noite, todos se distraem conversando, rindo e, até mesmo, um outro arranhará a sua viola, que jamais falta sob um teto brasileiro.

E contam-se histórias de assombração: ora é a ~~maizmaixix~~ dos três machados no mato, ouvidos à meia-noite, com a consequente queda de descomunal jequitibá, acompanhada de verdadeiro estrondo; ora a das pedras de avultado tamanho arremessadas da outra margem do rio, fora do alcance humano ou, ainda, a do fantasma luminoso, que o povo da roça chama de Baê-tatã, visto ao longo dos rios, pescando ou vedando o caminho aos passantes. Outras narrativas do gênero, e mais outras, se acrescentam.

O mutirão poderia ser apontado como exemplo de trabalho atraente. Utopia, não se cansam de referir-se ao socialismo os que lhe são contrários, batendo na tecla de tal expressão, e não suspeitam de que muitas das idéias de Fourier já se converteram em realidade.

Assim que o Sr. Langsdorff surgiu em Jundiá, prosseguiu na companhia do Sr. Riedel para São Carlos, distante mais de 7 léguas. As matas, agora, apresentam-se valorizadas por maior beleza e melhores se tornam as terras.

x x x

NOTA: O Diário de Viagem de Hércules Florence, denominado "VIAGEM FLUVIAL DO TIETE AO AMAZONAS" pelas Províncias Brasileiras de São Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará" (1825-1829), é a mesma e célebre Expedição Científica "Barão de Langsdorff", da qual foram membros participantes os seguintes cientistas:

Barão Georg Heinrich von Langsdorff (Jorge Henrique de Langsdorff) Médico e Cônsul geral e Encarregado dos Negócios da Rússia Imperial no Brasil - Idealizador e chefe da Expedição. Foi patrocinada pelo então Czar Alexandre I, que a custeou com seus recursos pessoais, encargo honrado, após a morte desse soberano em 1825, pelo seu sucessor, Nicolau I.

Nestor G. Rubtsov, astrônomo e oficial da marinha Russa.

Ludwig Riedel, botânico alemão.

Christian Friedrich Hasse - Zoológico e médico alemão +

Aimé Adrien Taunay (Amado Adriano Taunay) 1º desenhista

Antoine Hercule Romuald Florence (Hércules Florence) 2º desenhista e autor do Diário de Viagem.

+ O zoológico e médico alemão Christian F. Hasse, ainda em Porto Feliz, desligou-se da Expedição.

A Expedição percorreu durante os 3 anos, 7 meses e 10 dias, a distância de 13.440 quilômetros.

A partida da Expedição do Rio de Janeiro, deu-se no dia 3 de Setembro de 1825, chegando à Santos no dia 6. Partiu para São Paulo no dia 24 de setembro, chegando à Capital da Província dia 27 de setembro, ali permanecendo 5 dias. Partida para Jundiá no dia 2 de Outubro, onde chegaram às 9 horas da noite, permanecendo nesta cidade 22 dias. De Jundiá seguiu para Campinas, depois para Itú e, finalmente, para Porto Feliz onde permaneceu 6 meses, tempo necessário para a preparação da partida para Mato Grosso.

No dia 22 de junho de 1826, com grande comparecimento das autoridades local, povo e pessoas vindas de outras localidades, às 12 horas do dia, com grande solenidade verificou-se a partida de Porto Feliz rumo à Cuiabá, Capital da Província de Mato Grosso.



ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARQUIVOS DIGITAIS

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence ao Instituto Hercule Florence ou a instituições parceiras. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a autenticidade e a integridade da fonte, não realizando interferências digitais além de ajustes de contraste, cor e definição.

1. Utilizar este documento apenas para fins não comerciais

Os textos e as imagens publicadas no IHF Digital são de domínio público, porém seu uso comercial não está autorizado. Alguns textos e imagens provêm de instituições parceiras e somente poderão ser utilizados após consulta (contato@ihf19.org.br).

2. Créditos

Ao utilizar este documento, você deve dar o crédito ao autor (ou autores), ao IHF Digital, ao acervo original e ao autor(es) da reprodução/tratamento digital. Solicitamos que o conteúdo não seja republicado na rede mundial de computadores (internet) sem prévia autorização do IHF e/ou da instituição parceira.

3. Direitos do autor

No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Se você acreditar que algum documento ou imagem publicada no IHF Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (contato@ihf19.org.br).

4. Responsabilidades

O IHF reserva-se o direito de alterar o conteúdo do site, sem necessidade de aviso prévio, assim como rejeita qualquer responsabilidade pela utilização não autorizada do conteúdo deste site por terceiros.